

# Projeto de parque na Mata Escura

Área de 25 hectares está sendo avaliada para abrigar espaço que terá o nome do famoso antropólogo Pierre Verger

PÉRICLES DINIZ

Um grupo com cerca de 40 pessoas, entre professores universitários, estudantes, militares, escoteiros, técnicos e profissionais de diversas especialidades, além de senhoras da comunidade, se reuniu na tarde de ontem para uma visita técnica à grande área verde que ainda resiste ao crescimento da cidade, no bairro Ia Mata Escura, e que deverá transformar-se no Parque Socioambiental Pierre Verger.

O detalhe que nem a lógica da coincidência explicou é que nem um dos participantes da caminhada sabia era que a data - escolhida segundo o complicado jogo das disponibilidades individuais negociadas por mais de uma semana - marca o aniversário de 102 anos de nascimento do homenageado, antropólogo, fotógrafo, etnobotânico, babalô e oju obá franco-brasileiro que escolheu Salvador para morar e trabalhar desde 1946.

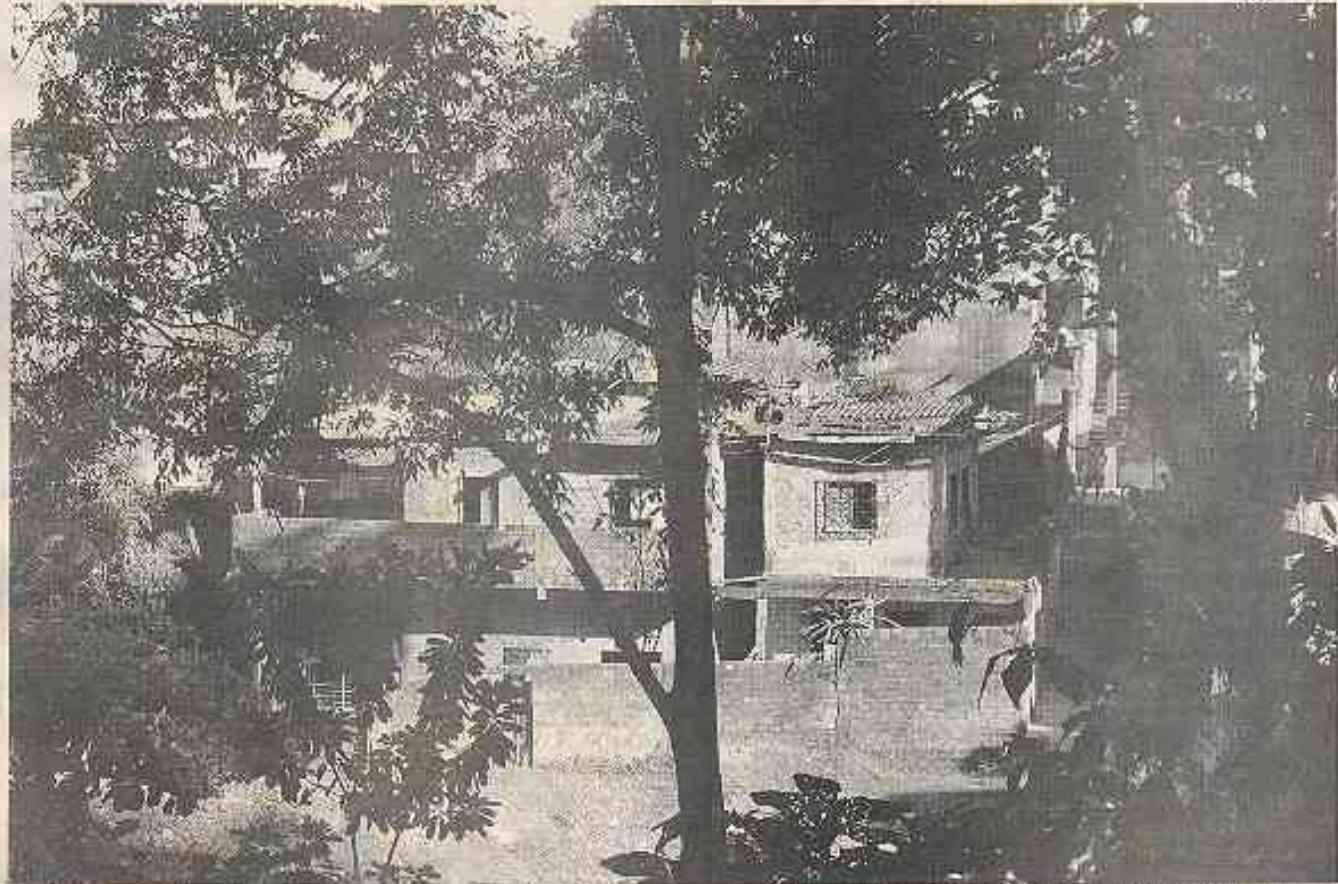
Localizada entre os bairros do Cabula e Mata Escura, com 32 hectares de vegetação remanescente de Mata Atlântica, a área abriga o Terreiro do Bate Folha, o Centro de Reabilitação de Animais Silvestres do Ibama, o Horto do Ministério da Agricultura e a praticamente destruída Lagoa do Prata, cuja represa foi uma das primeiras a fornecer água potável à cidade. Em seu entorno, no entanto, crescem como ameaças ao que resta de verde várias invasões, como a Baixa do Metrô, que surgiu com a instalação do canteiro de obras da Estação Metropolitana do Retiro; conjuntos habitacionais como o ACM, um dos primeiros da cidade; o Presídio Lemos Brito e algumas pedreiras abandonadas.

**PARQUE URBANO** - Diante de tal complexidade socioambiental, explica o geólogo, mestre em geociências e professor da Unch, Glauco Nascimento, "não adianta vir com um projeto de cima para baixo, será preciso envolver toda a comunidade para resgatar e preservar a riqueza natural da

área, devolvendo-a como espaço de lazer para toda a cidade". O objetivo desta caminhada, segundo explicou um dos autores do projeto, o sociólogo e doutor em geografia Eduardo José Nunes, "é justamente buscar conhecer e conversar com a comunidade para que ela própria aponte as soluções". Ele lembra que dentro dos limites do parque devem ficar diversos nascedouros que garantirão a qualidade da água, a partir do momento em que for desenvolvido um trabalho de desvio dos espejos de esgoto e tratamento simplificado.

Com isso, seria possível voltar a nadar, tomar banho, pescar e até consumir a água da represa. Este é o desafio de outro integrante da caminhada, o engenheiro civil e mestre em análise regional Nailton Lopes Bastos, para quem "o trabalho está apenas começando, mas é possível, sim, recuperar os recursos hídricos desta região, que integra a bacia do Alto Camurajipe". O outro coordenador do projeto, doutor em geografia Alcides dos Santos Caldas, disse que a proposta de criação do parque urbano vai permitir a visitação pública e o uso-fuso por parte da comunidade. A iniciativa, que deve ser viabilizada através de projeto de lei municipal, prevê investimentos da ordem de US\$ 1 milhão, a serem levantados através de parcerias nacionais e internacionais. Num primeiro momento, todavia, a ideia é montar um laboratório de desenvolvimento de tecnologias sociais, que, ao custo de R\$ 85 mil, funcionaria como um embrião para o desenvolvimento das atividades de criação do parque.

**PARCEIROS** - O projeto, desenvolvido por equipes de professores - pesquisadores da Ueb e Unifacs, com apoio da Fapesb, envolve parcerias com o Ministério da Agricultura, Ibama, Caixa Econômica Federal, Exército, Polícia Ambiental, Associação de Escoteiros, administração municipal, governo do Estado e associações comunitárias da Mata Escura e Cabula.



Ocupação desordenada contrasta com a beleza das árvores que se sobressaem na vegetação típica da Mata Atlântica

## Folhas e raízes usadas nos cultos afros

O grupo de visita técnica à área do futuro Parque Socioambiental Pierre Verger partiu pouco depois das 14 horas de ontem, do pátio do campus da Ueb no Cabula, em duas vans e alguns veículos menores, seguindo pela Estrada das Barreiras até o Terreiro do Bate Folha.

A área, tombada pelo Iphan, concentra a maior densidade de vegetação nativa da região, além de ser responsável pelo fornecimento de grande parte das folhas e raízes usadas hoje pelos cultos afros em Salvador.

Daí, seguiram para a Escola Estadual Mécia Mécia, no fim de

linha da Mata Escura, e depois para o centro de triagem de animais silvestres do Ibama, que em seus sete hectares de extensão abriga mais de uma centena de animais de 25 espécies, entre raposas, macacos-pregos, araras e uma sussurrana em trabalho de recuperação e readaptação ao meio selvagem. A última parte da visita foi no horro do Ministério da Agricultura, onde em trilhas pela vegetação o grupo constatou os estragos feitos pelas invasões que seguem roubando lotes clandestinos nesta que é uma das últimas reservas naturais da cidade da Bahia.



Grupo formado por professores, estudantes e comunidade constata sinais de degradação nas trilhas da área verde